

# Estímulo à experimentação

A DURAS PENAS AS ARTES CÊNICAS PROVAM QUE A CIDADE NÃO É SÓ PALCO PARA AS FARSAS E MARACUTAIAS DE POLÍTICOS

MARCOS SAVINI

Brasília é comumente conhecida como palco das decisões políticas do País. Aqui, não raras vezes, são encenadas as mais espetaculares e inacreditáveis farsas e maracutaias de bastidores, onde brilham personagens reais, dotados de canastrice e cinismo insuperáveis no talento de qualquer galã de telenovela. Para os verdadeiros atores e diretores teatrais da cidade, a concorrência, com este gênero de canalhas — que nem Shakespeare ou Nelson Rodrigues ousaram imaginar — é até desleal. E o estereótipo da má política, que paira sobre Brasília, oculta os verdadeiros talentos cênicos da cidade por algumas simples razões:

1º) Enquanto os atores do cenário político vivem, e muito bem, de altos salários ou propinas, os artistas quase sempre têm outro emprego de onde tiram o sustento. "Para sobreviver, todos têm de conciliar as duas coisas. Muitas vezes nós bancamos do próprio bolso a produção de nossos espetáculos", confirma o diretor Adriano Guimarães.

2º) Os gordos "patrocínios" recebidos pelos bufões de gravata, em forma de desvio de verba pública ou generosas doações de empreiteiras e empresariado em geral, não deixa nem migalhas para a produção de teatro ou dança: "As instituições em Brasília não são apenas omissas, elas trabalham contra a arte. Fazer teatro aqui é uma coisa heróica, por isso estamos preparando uma adaptação do *Dom Quixote*", diz Ary Pararraios, diretor do grupo Esquadrão da Vida. O diretor e ator Guilherme Reis concorda: "Em Brasília, o apoio institucional para o teatro é pequeno, e do empresariado é nenhum".

3º) Luzes, câmeras, e olhares de todo o País devassam qualquer movimento ou encenação política, o que não acontece aos artistas locais mais talentosos: "Se um fulano qualquer roubar CR\$ 10 mil num órgão público dá matéria nos principais jornais do País, mas nós não temos acesso à mídia nem quando ganhamos prêmios nacionais", comenta o diretor Fernando Guimarães, que recebe hoje, em Belo Horizonte, o Prêmio Sesi de Teatro pelo projeto da montagem de *Vestido de Noiva*.

**Muito bem, obrigado** — Mas a hegemonia da política na capital federal tem contrapartidas que fazem de Brasília um celeiro de grupos e artistas cênicos a cada dia mais reconhecidos pelo nível de seus trabalhos. "Estamos muito bem. O

teatro que se faz em Brasília é tão bom quanto o de qualquer outra cidade. Não tenho a menor inveja do Rio de Janeiro ou São Paulo", afirma o diretor e ator Hugo Rodas, que nos próximos meses dirige espetáculos e cursos em Madri, Roma e Lisboa, além de preparar em Brasília espetáculos com grupos do Sesc, UnB, Academia Norma Lillia, e com a atriz Simone Reis.

Desde quando chegou pela primeira vez em Brasília, a convite da academia de Lúcia Toller em 1974, Hugo Rodas percebeu o potencial artístico da cidade: "Era um lugar muito curioso. Aqui se tinha a possibilidade de receber informação como em nenhum outro lugar. A gente ia ao Beirute e encontrava os melhores jornalistas do País, o que era melhor que assistir qualquer jornal da televisão. Ao mesmo tempo, se vive quase no campo, com cachoeiras a 15 minutos para quem vai de carro, aconteciam luais onde tocávamos e bailávamos a noite toda. Agora a cidade está mudada, cresceu e ficou como qualquer outra. Mas para o teatro está melhor, existe mais concorrência, diretores e atores reconhecidos aqui e no exterior", comenta Hugo Rodas.

Divulgação

**Inovação** — A originalidade é a qualidade que mais chama a atenção nos artistas de Brasília. "Acho que o isolamento e os espaços amplos propiciam o surgimento de trabalhos insólitos, como as danças de Maura Baiocchi, da Eliana Carneiro; as performances de José Eduardo Garcia ou da Felícia Jonhansen", exemplifica a atriz Simone Reis.

Márcia Duarte, bailarina e fundadora do grupo EnDança, vê dois lados distintos nessa originalidade dos artistas de Brasília: "A cidade tem vocação para a renovação, para o desenvolvimento de visões pessoais e particulares. Isto é o que comentam do EnDança quando a gente se apresenta no exterior. Por outro lado, aqui não existe tradição de formação de artistas de dança ou de teatro. As pessoas estão sempre reinventando a roda, porque muita gente vai embora quando o trabalho está consolidado e reconhecido", pondera Márcia Duarte — a única dançarina do EnDança que no momento não está trabalhando em projetos fora de Brasília.

A boa qualidade de vida que, ainda, existe em Brasília, é um dos principais estímulos que a cidade oferece para a criação. "O EnDança não existiria se não fosse por Brasília. Aqui era um campo virgem quando a gente começou há 13 anos. Não tivemos de disputar mercado de trabalho com ninguém, tivemos tempo e espaços ótimos — como o Teatro Nacional — para construir nossa linguagem particular. É nas coisas sutis do cotidiano que a cidade oferece o tempo livre tão fundamental para a experimentação, que é a base do trabalho do EnDança", avalia Márcia Duarte.

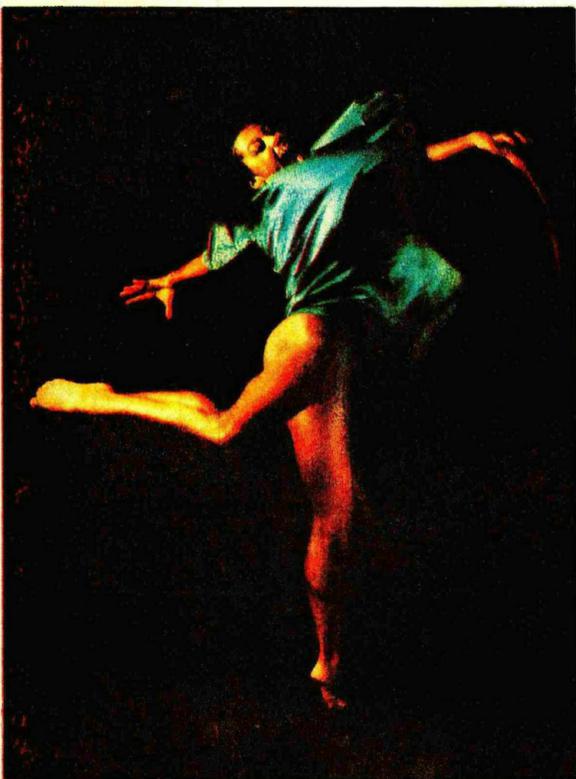
O tempo e o espaço para a experimentação, é destacado também por outros diretores locais: "É uma cidade muito aberta, onde o trânsito flui. Sobra mais tempo para as pessoas se dedicarem a projetos pessoais", diz Fernando Guimarães. Na opinião do ator e diretor Guilherme Reis, só faltam as instituições e o empresariado local despertarem para o potencial criativo de Brasília. "Todas as batalhas políticas, por educação, saúde ou salário, acontecem porque as pessoas querem tempo para viajar, ir aos teatros, às bibliotecas e aos museus. Tudo desemboca na cultura, e aqui o tempo livre já existe, só precisamos de mais investimento".



Os diretores Adriano e Fernando Guimarães recebem hoje, em Belo Horizonte, o Prêmio Sesi de Teatro por *Vestido de Noiva*



Nos próximos meses, Hugo Rodas vai dirigir espetáculos e cursos em Roma, Madri e Lisboa



O grupo EnDança, que já ganhou elogios até no *The New York Times*, faz da experimentação a base de seu trabalho cênico